

Manaus, quinta-feira, 30 de março de 2000

a crítica CIDADES c5

DESCOBRIMENTO

Ticunas vão fazer protesto

Fotos: Gregg Newton/Reuters

ÍNDIOS AMAZONENSES SE ALIAM ÀS TRIBOS QUE ESTARÃO NO MONTE PASCOAL, EM 17 DE ABRIL, PARA DENUNCIAR QUE SUAS TERRAS CONTINUAM SENDO INVADIDAS

RIO DE JANEIRO (AFP) — Um grupo de índios ticunas deixou ontem à noite a aldeia no Alto Rio Solimões, na Amazônia, empreendendo caminho para a Bahia, onde se reunirão mais de 3 mil indígenas, dia 17 de abril, para protestar contra as celebrações oficiais dos 500 anos do Descobrimento do Brasil.

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado à Igreja progressista, informou ontem que numerosas comunidades indígenas se unirão aos ticunas ao longo destes mais de 4 mil quilômetros de caminho até chegar a Santa Cruz de Cabrália (Sul da Bahia), onde desembarcou o navegante português Pedro Álvares Cabral, dia 22 de abril de 1500.

Não foi por acaso que os ticunas escolheram o 28 de março para sair de suas terras. Há 12 anos, nesse mesmo dia, aconteceu o massacre de Capacete, no qual 14 índios desta tribo de 30 mil pessoas foram assassinados por madeireiros.

A Marcha Indígena atravessará, de ônibus, os Estados do Amazonas e do Pará, além de Tocantins e Goiás até chegar a Brasília no dia 13 de abril, quando o grupo apresentará um documento de protesto ao Congresso Nacional. De lá, os índios se dirigirão ao Sul do Estado da Bahia e, no dia 17 de abril, todos se reunirão simbolicamente no Monte Pascoal, terra sagrada dos índios pataxós e cenário de um grave conflito com o Governo Federal, que transformou o território em parque nacional em 1961.

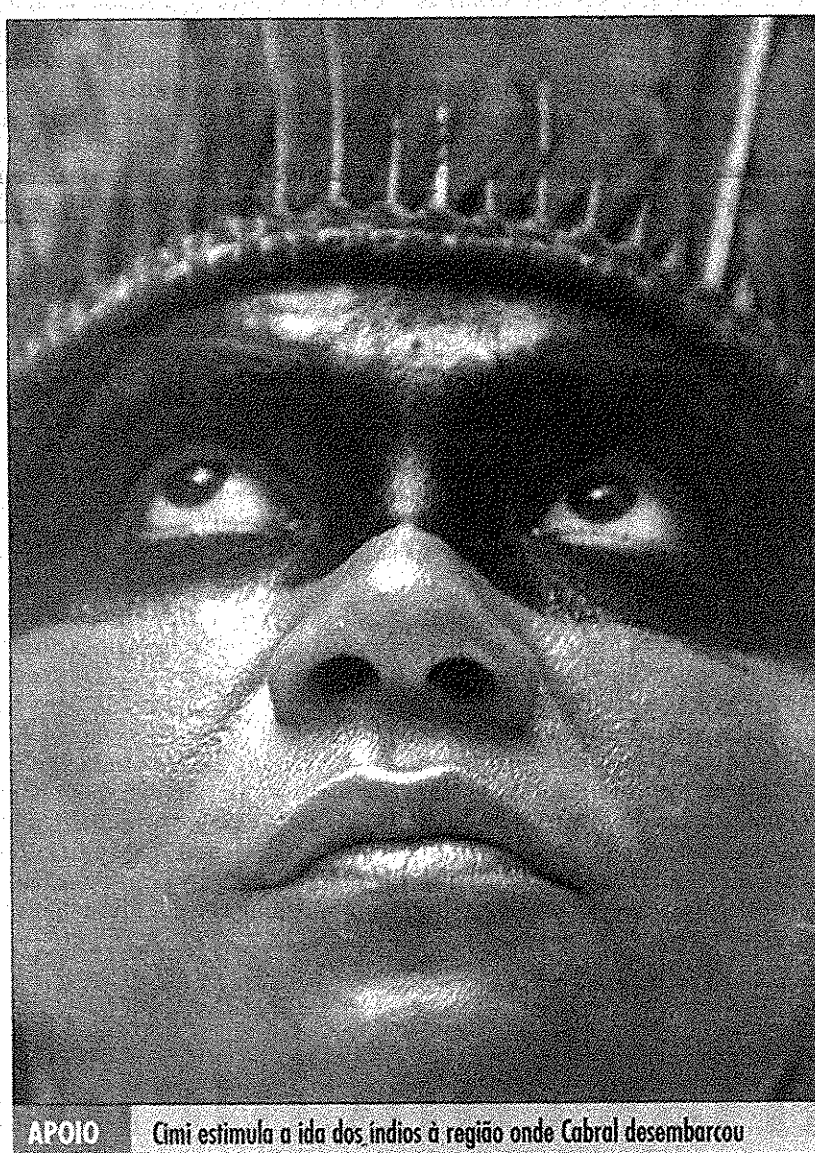
Em seguida, começará a Conferência Indígena, que pretende denunciar "a invasão do Brasil que começou em abril de 1500 e continua 500 anos depois". A pouca distância, em Porto Seguro e Salvador, o Governo prepara sofisticadas e caras cerimônias para celebrar o quinto centenário da chegada de Cabral, com a reprodução, num grande espetáculo, de réplicas de caravelas e com a participação de mais de 1,5 mil atores.

Em meio às celebrações oficiais e aos protestos indígenas, que estão apoiadas por 150 organismos, a Fundação Nacional do Índio (Funai) desempenha um papel delicado.

Apesar de ter criticado os festejos organizados pelo Governo e ter demonstrado desejo de não participar deles, a Funai voltou atrás e suavizou o discurso. Seu presidente, Carlos Frederico Marés, informou que a Funai não participará da marcha, mas definiu a posição da Fundação com uma frase que pode ser interpretada como uma clara crítica ao Governo. "O relógio indígena não tem nenhuma relação com o relógio dos 500 anos."



PREPARAÇÃO Indígenas da tribo fulni, de Pernambuco, se articulam para integrar a comitiva que participará de uma série de manifestações contrárias à festa dos 500 anos do Descobrimento, na Bahia



APOIO Cimi estimula a ida dos índios à região onde Cabral desembarcou

Para o indigenista Sydney Possuelo, dirigente do departamento que cuida dos índios que não tiveram contato com os brancos da Funai e ex-presidente da instituição, o organismo deve sentar-se ao lado do Gover-

no nas celebrações, mas tem direito a não estar de acordo com o dirigente da instituição.

"Se eu fosse presidente da Funai participaria das celebrações oficiais com uma braçadeira preta, em sinal de luto", assegurou.